



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

MODA GOIANA ENTRE FACÇÕES E INDÚSTRIAS: PRODUÇÃO E INFORMALIDADE

Goianian fashion between informal production units and industries: production and informality

Nafe, Sarah Farid; Mestra em Antropologia Social; Universidade de Brasília (UnB), sarahnafe@hotmail.com¹

Resumo: Este artigo analisa os processos produtivos da fabricação de roupas, da concepção ao acabamento. Estruturado em quatro blocos: desenvolvimento, preparação, montagem e acabamento; busca oferecer uma visão didática e crítica da cadeia de produção de moda. A pesquisa etnográfica em facções de costura de Goiânia (2021 a 2023) revela a informalidade, a predominância feminina e os impactos socioeconômicos dessa realidade. A articulação entre descrição técnica e análise social contribui para o debate sobre gestão, formalização e sustentabilidade no setor.

Palavras chave: Processo produtivo; Moda; Confecção; Facções de costura; Empreendedorismo

Abstract: This article analyzes the production processes of garment manufacturing, from conception to final finishing. Structured into four blocks: product development, preparation, assembly and finishing; it seeks to provide a didactic and critical view of the fashion production chain in Brazil. Ethnographic research in sewing workshops in Goiânia (2021 to 2023) shows informality, the predominance of women and the socioeconomic impacts of this reality. The articulation between technical description and social analysis contributes to debates on management, formalization and sustainability.

Keywords: Production process; Fashion; Garment industry; Sewing workshops; Entrepreneurship.

Introdução

A indústria da moda é uma das principais atividades econômicas no Brasil, responsável por cerca de 2,6% da produção mundial de vestuário e pela geração de milhões de empregos, sobretudo femininos (FIEG,

¹ Sarah Farid Nafe é Mestra em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB), graduada em Design de Moda pelo IESB e em Administração pela FGV. Atua nas áreas de moda, consumo, trabalho e economia, com interesse em empreendedorismo, gestão e processos produtivos.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

2023). Apesar dessa relevância, o funcionamento de sua cadeia produtiva permanece pouco conhecido por estudantes, consumidores e gestores. Grande parte dessas etapas ocorre em condições de, especialmente em polos regionais como Goiânia, onde facções domiciliares assumem papel central no fornecimento de mão de obra para indústrias e marcas de diferentes portes (ARAÚJO, 2017; LIMA, 2016).

A literatura especializada indica que o processo de produção de roupas pode ser descrito em quatro fases principais: idealização, preparação, montagem e acabamento (NUNES; CAMPOS, 2005; CUNHA, 2015). Essas etapas permitem compreender como se organiza a cadeia de valor no setor, articulando tanto elementos técnicos quanto sociais.

O presente artigo tem como objetivo sistematizar os processos produtivos da moda e, ao mesmo tempo, evidenciar as relações sociais observadas em contextos informais. A pesquisa de campo, desenvolvida entre 2021 e 2023 em facções de costura de Goiânia, envolveu observação participante e entrevistas com costureiras, além da análise documental de fontes setoriais. A inserção da pesquisadora como empresária e administradora de produção acrescenta uma perspectiva privilegiada, permitindo observar tensões entre práticas formais e informais de organização do trabalho.

Nesse percurso, destaca-se o impacto da informalidade, que compromete a qualidade das condições laborais, reforça a desigualdade de gênero e mantém as costureiras em posição de vulnerabilidade. A sobreposição entre espaço doméstico e espaço produtivo torna visível a dupla jornada enfrentada por mulheres que conciliam a confecção de roupas com responsabilidades familiares (BOURDIEU, 2006; BREMAN, 2013; HARAWAY, 2009).

Assim, ao articular descrição técnica e análise social, este artigo busca contribuir para o debate sobre os desafios da formalização, da sustentabilidade e da gestão no setor de moda em contextos locais e globais.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Corpo do Texto

Para compreender como a moda é produzida em Goiânia, é necessário olhar para além dos produtos finais e examinar os caminhos que levam à sua materialização. A fabricação de roupas envolve uma sequência de etapas que, embora distintas, estão interligadas em um fluxo contínuo de trabalho. Essa organização pode ser sistematizada em quatro fases: idealização, preparação, montagem e acabamento. Cada uma dessas fases articula dimensões técnicas e sociais, revelando tanto o funcionamento da cadeia produtiva quanto as condições de trabalho em que ela se apoia. Ao longo das próximas seções, serão descritas essas etapas, relacionando os procedimentos específicos de cada fase com os aspectos etnográficos observados no campo.

Fase I – Idealização do Produto

A fase de idealização é o ponto de partida da produção de vestuário, marcada pela concepção criativa da peça e pela definição de materiais e modelagens. Nesse estágio, atuam profissionais como designers de moda, modelistas e pilotistas, responsáveis por traduzir ideias em produtos viáveis para o mercado. O processo inicia-se com pesquisas de tendências, elaboração de croquis e desenhos técnicos, seleção de tecidos e aviamentos e, posteriormente, o desenvolvimento de moldes e peças-piloto.

Embora essa fase seja fundamental para garantir o caimento, a viabilidade e a atratividade comercial da peça, nas facções de Goiânia ela frequentemente ocorre de forma improvisada. Muitas oficinas informais não contam com profissionais especializados em tecido ou modelagem, delegando às próprias donas de facções e costureiras a tarefa de fazer os moldes baseados em fotos ou peças compradas de outras marcas, como se os anos de experiência em costura fossem suficientes para realizar a tarefa. A ausência de tecnologia adequada e de planejamento formal resulta em um processo de tentativa e erro, que privilegia custo e rapidez em detrimento da qualidade e padronização.

A etnografia realizada entre 2021 e 2023 confirma que, em contextos informais, o processo criativo é atravessado por pressões de tempo e custos. As trabalhadoras muitas vezes conciliam o desenvolvimento e produção de peças com responsabilidades domésticas, configurando uma jornada dupla ou tripla. Essa



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

sobreposição entre o espaço produtivo e o ambiente familiar, típica das facções domiciliares, interfere diretamente no ritmo da produção e no grau de atenção dedicado à criação de novos modelos. Como destaca Bourdieu (2006), os habitus sociais moldam práticas cotidianas, levando essas mulheres a naturalizar jornadas extenuantes como parte de sua condição de vida.

Assim, a fase de idealização, que em grandes indústrias é estruturada por equipes criativas e softwares especializados, nas facções assume um caráter híbrido: combina criatividade com improvisação, inserindo o trabalho técnico em um contexto marcado pela informalidade e pela precarização.

Fase II – Preparação da Peça

A fase de preparação compreende os procedimentos de enfesto, corte e beneficiamento, que antecedem a montagem das roupas. Trata-se de uma etapa crucial, pois dela depende a padronização das peças e a otimização do uso de tecidos. Segundo Araújo (2017), o corte industrial deve ser planejado de forma a reduzir desperdícios e garantir precisão, constituindo uma das operações mais estratégicas da confecção.

Nas grandes indústrias, essa etapa costuma ser realizada com máquinas de enfesto e corte automático, operadas por equipes especializadas. No entanto, nas facções de Goiânia observadas durante a pesquisa etnográfica, os procedimentos ocorrem de forma manual e improvisada. Tecidos são estendidos em mesas improvisadas, muitas vezes em ambientes domésticos. O corte é realizado com tesouras comuns ou máquinas de corte industrial sem manutenção adequada, o que compromete a segurança das trabalhadoras e a qualidade final das peças.

Além disso, a ausência de equipamentos de proteção individual é notória. A manipulação contínua de tesouras pesadas e lâminas giratórias expõe as costureiras a cortes e lesões por esforço repetitivo. Como relatado em entrevistas, acidentes acontecem de forma esporádica, mas raramente registrados, pois o trabalho informal impede o acesso a benefícios como auxílio-doença ou estabilidade. Essa realidade reforça a precarização já apontada por Breman (1996) ao tratar de mercados informais em países periféricos, nos quais a ausência de regulamentação intensifica os riscos físicos e sociais do trabalho.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Outro aspecto observado é a terceirização da preparação do corte para empresas ou indivíduos especializados, que atendem diferentes facções e cobram por lote cortado. Essa prática, embora agilize a produção, amplia a fragmentação da cadeia produtiva tornando ainda mais fragmentada nos moldes da revolução industrial do fordismo

No contexto doméstico, essa fase ainda convive com interrupções e sobreposições: ao mesmo tempo em que cortam tecidos, muitas mulheres precisam cuidar dos filhos, preparar refeições ou realizar tarefas de casa. Essa sobreposição de funções reafirma o espaço doméstico como um local produtivo central, mas impõe limites severos à organização racional da produção. Como destaca Haraway (1991), a tecnologia e o trabalho feminino em ambientes híbridos revelam as fronteiras borradas entre público e privado, produção e reprodução.

Assim, a preparação das peças nas facções goianas evidencia tanto a importância técnica dessa fase para a confecção quanto às condições sociais e materiais que marcam o trabalho informal. O contraste com as indústrias formais mostra como a desigualdade de recursos tecnológicos e de proteção trabalhista impacta diretamente a eficiência produtiva e a saúde das trabalhadoras.

Fase III – Montagem (Costura)

A montagem corresponde à fase em que os tecidos cortados são transformados em peças de vestuário por meio da costura. Do ponto de vista técnico, essa etapa é caracterizada pela segmentação das tarefas: cada costureira opera um tipo específico de máquina (reta, overlock, galoneira, interlock), compondo uma linha de produção em que a peça circula até estar finalizada. Nas indústrias formais, esse modelo permite padronização e rapidez, mas também torna o trabalho repetitivo e mecânico.

Nas facções de Goiânia, a costura se dá em condições muito diferentes. Grande parte do processo ocorre em residências adaptadas para a produção, com poucas máquinas, espaço reduzido e iluminação precária. A informalidade é predominante. As costureiras são contratadas por peça ou por diária, recebendo valores que variam entre R\$60,00 e R\$150,00 por dia, a depender da complexidade do trabalho e da localização. Em casos mais extremos, o pagamento por peça pode variar em torno de R\$3,00 para camisetas simples, revelando a



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

desvalorização da mão de obra. Essa forma de remuneração cria incentivos perversos: para aumentar a renda, as mulheres trabalham por longas horas sem pausa, o que compromete sua saúde física e mental.

Outro traço marcante é a lógica de competição entre costureiras. A sazonalidade da demanda mais intensa em períodos como Dia das Mães, Dia dos Pais e Natal leva muitas trabalhadoras a reduzir preços em épocas de baixa, enfraquecendo ainda mais a estabilidade das profissionais da área. Em grupos de WhatsApp e Facebook, as ofertas de diárias circulam rapidamente, mostrando como a digitalização também reforça a precarização ao ampliar a disponibilidade imediata de mão de obra barata (NAFE, 2024)

As histórias de vida coletadas em campo revelam a trajetória de mulheres que transitam entre empregos formais e facções informais. Como destaca Freeman (2000), a informalidade nas economias periféricas é atravessada pelo gênero, e as mulheres assumem os riscos da produção sem as garantias da formalização. Essa realidade também confirma a análise de Tsing (2009), ao mostrar como as cadeias globais de valor dependem de arranjos locais marcados pela exploração do trabalho barato e flexível.

A montagem, portanto, não é apenas a etapa técnica de costura das peças, mas também o espaço em que se materializam desigualdades de gênero, fragilidades da informalidade e formas de resistência das trabalhadoras. Algumas costureiras criam suas próprias facções, acumulando máquinas e contratando ajudantes, na tentativa de transformar a precariedade em empreendimento. No entanto, mesmo nesses casos, a instabilidade da demanda e a ausência de direitos trabalhistas limitam o alcance de tais estratégias.

Fase IV – Acabamento

O acabamento compreende as etapas finais do processo de confecção: revisão de qualidade, passadoria, aplicação de aviamentos, embalagem e preparação para a distribuição. No ambiente fabril formal, esse momento é estruturado em setores especializados, com controle de qualidade rigoroso e uso de equipamentos específicos. Essa organização permite que o produto chegue ao consumidor dentro dos padrões estéticos e técnicos estabelecidos pela marca (CHRISTO, 2016).



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Nas facções goianas observadas em campo, o acabamento revela outro cenário. Muitas vezes também realizado dentro do próprio espaço doméstico, ele envolve desde a limpeza de linhas soltas até a dobra e a organização das peças em sacolas plásticas. A inspeção de qualidade é feita de maneira rápida e frequentemente por membros da família que auxiliam as costureiras de forma não remunerada. Companheiros, crianças e adolescentes colaboram cortando fios ou embalando roupas, o que reforça mais uma vez a fusão entre trabalho e vida doméstica (NAFE, 2024)

O espaço físico onde o acabamento acontece geralmente é improvisado: salas de estar ou varandas tornam-se depósitos de pilhas de roupas, linhas e sacolas. A ausência de equipamentos adequados para passadoria ou para embalagem profissional limita a aparência final da peça, ainda que o produto siga para a comercialização em larga escala, sobretudo na região da 44 em Goiânia, um dos maiores polos atacadistas do país.

Outro aspecto relevante é a circulação das peças após o acabamento. Muitas vezes, a distribuição é feita diretamente por atravessadores ou lojistas que buscam a produção nas residências das costureiras. Isso reduz custos para os contratantes, mas transfere às trabalhadoras os riscos de armazenamento e organização, sem qualquer remuneração adicional. A lógica da informalidade, portanto, atravessa até o fim da cadeia produtiva, impactando a qualidade do produto e a sustentabilidade do trabalho.

O acabamento, quando analisado sob a perspectiva etnográfica, mostra como a busca pela eficiência e pelo menor custo recai sobre mulheres em condições precárias, que acumulam atividades produtivas e domésticas em um mesmo espaço. Essa sobreposição evidencia as fronteiras borradas entre casa e fábrica, reforçando desigualdades de gênero e a instabilidade típica do trabalho informal.

A descrição das quatro fases produtivas, idealização, preparação, montagem e acabamento, mostra que o processo de fabricação de roupas em Goiânia articula dimensões técnicas e sociais de maneira inseparável. O que se apresenta como uma sequência de etapas produtivas revela, na prática, uma rede marcada pela informalidade, pela sobreposição entre casa e fábrica e pelo trabalho feminino em condições precárias. Longe



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

de ser apenas uma engrenagem econômica, a cadeia da moda expõe contradições que atravessam o cotidiano das costureiras e impactam diretamente a qualidade, a gestão e a sustentabilidade do setor.

Considerações Finais

A análise das quatro fases produtivas da cadeia de moda em Goiânia evidencia que o processo de fabricação de roupas não pode ser compreendido apenas em sua dimensão técnica. Cada etapa revela formas de organização do trabalho marcadas pela informalidade, pela predominância feminina e pela sobreposição entre espaço doméstico e produtivo.

Esse modelo de funcionamento garante competitividade e abastece o mercado atacadista, mas o faz às custas da precarização das condições de trabalho e da invisibilização das trabalhadoras. A aparente eficiência esconde desigualdades que impactam diretamente a qualidade dos produtos, a gestão das empresas e as possibilidades de inovação e formalização do setor.

Assim, compreender os processos produtivos da moda goiana significa também reconhecer seus limites estruturais. O fortalecimento de políticas de formalização, capacitação e sustentabilidade surge como condição necessária para que o setor avance sem se apoiar na exploração do trabalho precário que hoje sustenta sua base produtiva.

Referências

BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2007.

CIETTA, Enrico. A economia da moda. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

CHRISTO, Deborah Chagas. Estrutura e funcionamento do campo de produção de objetos do vestuário no Brasil. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

CUNHA, Marcia de Assunção. Modelagem industrial do vestuário. São Paulo: Bookman, 2015.



20^º **COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

LIMA, Edson José. Gestão da produção de vestuário. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

NAFE, Sarah Farid. Entre o doméstico e o industrial: relações informais de trabalho e gênero na produção têxtil em Goiânia no ano de 2024. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2024.

NUNES, A.; CAMPOS, V. Gestão da produção de confecção. Rio de Janeiro: SENAI, 2005.

SIMMEL, Georg. Filosofia da moda e outros escritos. Lisboa: Texto & Grafia, 2008.